



ENTRE PIPAS E PAPAGAIOS: REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIAS EM UMA OCUPAÇÃO URBANA

Natalia Caliar de Bona [*]; Bianca Salazar Guizzo [**]; Mayara Larissa da Silva Rocha [***]

O presente artigo tem como objetivo principal investigar as representações de infâncias que atravessam a realidade das crianças que vivem nas/as ocupações do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), a partir de um filme protagonizado e construído por elas e publicado no canal do MLB no YouTube. Metodologicamente, foi realizada uma etnografia de tela, tendo como referencial teórico os campos da Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2005, 2011) e dos Estudos Culturais (Hall 2016; Grossberg, 2009; Wortmann, Costa e Silveira, 2015). As análises evidenciaram que há recorrência da representação da infância do agora, já que muitas cenas mostram que a urgência não se expressa apenas nos corpos que se deslocam com pressa, mas também na necessidade de aproveitar cada oportunidade. Tal representação manifesta-se como um tempo de urgência por vida, de entrega ao momento, de aproveitamento dos recursos e das oportunidades efêmeras que surgem a cada instante. A partir dos resultados analisados, concluiu-se que o curta-metragem não é apenas um produto cultural feito por crianças; é um espaço de construção de sentidos e de manifestação simbólica das suas vivências, anseios e inquietações.

Palavras-chave: Infância. Representação. Cinema.

KIDS FLYING KITES: REPRESENTATIONS OF CHILDHOOD IN AN URBAN SQUATTERS' SETTLEMENT.

ABSTRACT

This article examines the representations of childhood that permeate the reality of children who live in MLB (*Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas*, or Movement of Neighborhood, Settlement and Favela Struggles) urban squatters' settlements, through a film made and starred by the children themselves, and published on the movement's YouTube channel. Our methodology is based on screen ethnography, and draws theoretically from the fields of the Sociology of Childhood (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2005, 2011) and Cultural Studies (Hall 2016; Grossberg, 2009; Wortmann, Costa e Silveira, 2015). Our analysis uncovers recurrent references to childhood "in the here and now"; many scenes reveal an urgency expressed not only in bodies that hasten from place to place, but also in children's need to seize every opportunity they find. The picture that unfolds is of a time of living urgently, of surrendering to the moment, taking advantage of the ephemeral opportunities that emerge at any and every instant. Our findings lead us to conclude that this short film is not only a cultural product made by children; it is a place for meaning-making, and for the symbolic manifestation of children's experiences, desires and concerns.

Keywords: Childhood. Representation. Cinema.

ENTRE COMETAS Y PAPAGAYOS: REPRESENTACIONES DE INFANCIAS EN UNA OCUPACIÓN URBANA

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 35, n. 1, p. 1-25, e-rte351202609, 2026.



RESUMEN

El objetivo principal de este artículo es investigar las representaciones de infancias presentes en la realidad de los niños y niñas que viven (en) las ocupaciones del Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) [Movimiento de Lucha en las Barriadas, Villas Miseria y Favelas] a partir de una película protagonizada y construida por esas niñas y niños y disponible en el canal del MLB en YouTube. Metodológicamente, se realizó una etnografía de pantalla, tomándose como marco teórico los campos de la Sociología de la Infancia (Corsaro, 2011; Sarmento, 2005, 2011) y los Estudios Culturales (Hall 2016; Grossberg, 2009; Wortmann, Costa y Silveira, 2015). Los análisis pusieron de manifiesto la recurrencia de la representación de la infancia del ahora, ya que muchas escenas muestran cómo la urgencia no se expresa solo en los cuerpos que se trasladan con prisa, sino también en la necesidad de aprovechar cada oportunidad. Esta representación se manifiesta como un tiempo de urgencia de vida, de entrega al momento, de aprovechamiento de los recursos y de las oportunidades efímeras que surgen en cada instante. A partir de los resultados analizados, se concluyó que el cortometraje estudiado no es solo un producto cultural hecho por niños y niñas: es un espacio de construcción de sentidos y de manifestación simbólica de sus vivencias, anhelos e inquietudes.

Palabras clave: Infancia. Representación. Cine.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como tema as representações de infâncias nas ocupações urbanas, propondo um olhar atento à multiplicidade de sentidos que emergem do encontro entre as crianças e os movimentos de luta por moradia digna. Busca-se reconhecer essas infâncias em sua complexidade, compreendendo que, se já há um conhecimento limitado sobre os movimentos sociais e os modos de vida nas ocupações, sabemos ainda menos sobre as crianças que ali vivem (Gobbi, 2017; Nascimento, 2019; Ramalho, Carvalho e Bizzotto, 2023).

Para tanto, analisamos um curta-metragem produzido em uma das ocupações urbanas organizadas pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), disponível no YouTube, utilizando a etnografia de tela como metodologia. O objetivo principal é investigar as representações de infâncias que atravessam a realidade das crianças que vivem nas/as ocupações do MLB, a partir de um filme protagonizado e construído por elas. Esta análise integra uma pesquisa mais ampla que contempla outros curtas semelhantes¹, orientada por uma questão central: quais representações de infâncias reverberam a partir desses filmes?

A relevância desta investigação reside na escassez de estudos que se voltam a essas infâncias, frequentemente representadas de maneira reducionista, marcadas apenas pela ideia



de carência. Contudo, mesmo em contextos de adversidade, emergem potências individuais e coletivas. A infância é um período de construção da subjetividade e de ressignificação das experiências, inclusive das mais desafiadoras (Alves, 2002). Longe de ocupar uma posição passiva, as crianças interpretam e atuam sobre o mundo, produzindo sentidos próprios e transformando suas vivências em trajetórias singulares. Assim, este estudo fundamenta-se na Sociologia da Infância, articulada aos Estudos Culturais, como base teórica para compreender essas infâncias em suas múltiplas dimensões.

Este artigo está organizado em cinco seções. A primeira destina-se a apresentar o campo de pesquisa: o MLB e as ocupações urbanas, as infâncias que habitam esses espaços, o encontro entre cinema e luta por moradia e algumas considerações a respeito de como as crianças em vulnerabilidade social vêm sendo representadas no cinema. Na segunda seção é apresentada a abordagem teórica que embasa esse estudo, composta pela Sociologia da Infância e pelos Estudos Culturais. A terceira seção refere-se aos caminhos metodológicos utilizados no estudo, na qual o material empírico e a metodologia são descritos, incluindo os aspectos éticos. A quarta seção destina-se à análise empreendida. Na última seção encerramos o artigo propondo algumas amarrações finais, bem como reflexões que continuam reverberando dentro de nós.

SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

O MLB é um movimento social de abrangência nacional que defende o direito à moradia digna, tendo como bandeira principal a reforma urbana, entendida como parte de uma luta mais ampla por uma sociedade justa e igualitária (MLB Brasil, 2024). O MLB surgiu em 1999, em Belo Horizonte, como um movimento político e social vinculado ao PCR (Bastos et. al, 2017). Hoje o movimento atua em todas as regiões do país e está vinculado à Unidade Popular (UP), partido político registrado em 2019.

Segundo Kleber Santos, da Coordenação Nacional do MLB, mais de 30 mil famílias conquistaram moradia por meio do movimento nos últimos 25 anos (A Verdade, 2024), sendo as ocupações urbanas a estratégia utilizada para tal. A luta, no entanto, vai além do acesso à habitação: envolve a busca por condições dignas de vida, incluindo saneamento, transporte,



educação e saúde, articulando a moradia com uma proposta mais ampla de justiça social e reforma urbana.

Há diversas formas de definir o que são ocupações urbanas, considerando os mais variados fins que são almeçados através delas. Contudo, este trabalho foca naquelas voltadas à moradia, em consonância com o objeto de pesquisa. No caso do MLB, a escolha dos locais é estratégica: priorizam-se áreas com alto valor imobiliário, boa localização e acesso à infraestrutura e serviços (Lelis, 2016). Essa seleção intencional, articula-se à luta pela reforma urbana e ao direito à cidade. As ocupações são organizadas coletivamente por famílias de baixa renda, com apoio técnico de profissionais voluntários, especialmente das áreas do Direito e da Arquitetura e diferenciam-se das invasões por não adotarem práticas violentas, principalmente. (Lelis, 2016).

O fundamento político dessas ocupações se ancora na Constituição Federal de 1988, que garante o direito à moradia digna e estabelece que a propriedade deve cumprir sua função social. Na perspectiva do movimento, terrenos vazios e prédios públicos abandonados não cumprem tal função, tornando-se espaços legítimos de reivindicação (Lelis, 2018). Assim, podemos dizer que as ocupações urbanas resultam do encontro de famílias que não estão usufruindo do seu direito social de moradia com imóveis ou terrenos que não estão cumprindo sua função social.

Entretanto, essas experiências são marcadas pela constante ameaça de remoções judiciais, frequentemente violentas, que impõem às famílias um cotidiano de instabilidade. Como aponta Santos (2023), essa condição de insegurança atua não apenas como evento pontual, mas como uma experiência social contínua de desamparo e expectativa de auxílio, afetando os modos de vida das famílias das ocupações.

As crianças, por sua vez, estão completamente inseridas nesse contexto, seja porque também convivem com essa ameaça em seu cotidiano ou, porque, “nos momentos mais críticos de ameaças de despejo, aciona-se o discurso da criança como sujeito de direitos como estratégia de permanência das famílias” (Ramalho, Carvalho e Bizzoto, 2023, p. 7), ou seja, o discurso de defesa de direitos da criança emerge como estratégia de resistência.

As construções nas áreas ocupadas ocorrem majoritariamente por autoconstrução, revelando laços de solidariedade entre moradores e apoiadores externos. Essa rede de apoio

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 35, n. 1, p. 1-25, e-rte351202609, 2026.



ajuda a enfrentar os desafios impostos pela escassez de recursos humanos, financeiros e materiais (Ramalho, Carvalho e Bizzoto, 2023). Infraestruturas básicas como água, esgoto e eletricidade são pautas centrais de luta e reivindicação. Enquanto esses direitos não se concretizam, as famílias recorrem a soluções provisórias e coletivas, como coleta de água em nascentes e poços e ligações elétricas clandestinas.

Essas práticas demonstram que a organização das ocupações urbanas do MLB dialoga com a estrutura social e política do movimento, demonstrando coerência nas estratégias de planejamento e implementação das ocupações. Inclusive, esse é um dos pontos que diferenciam as ocupações urbanas de outros modelos ou tipos de habitações populares, como favelas, conjuntos habitacionais, entre outros (Lelis, 2016). Ademais, esses passos acontecem em paralelo com as iniciativas de mobilização, protestos, participação em fóruns jurídicos e políticos que acontecem rotineiramente na agenda no MLB.

Cada ocupação, no entanto, possui um contexto específico, exigindo estratégias locais. A seguir, apresentamos o panorama da ocupação Vitória, onde foi gravado o curta analisado neste artigo. A Ocupação Vitória está situada na área denominada Izidora, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, que abriga outras ocupações além das organizadas pelo MLB. Izidora foi, por anos, palco de disputas políticas e econômicas em torno de um território de 10 milhões de metros quadrados, envolvendo a família Werneck e milhares de famílias ocupantes (Camargo, 2019), representando um dos principais embates da luta do MLB. Em 2023, a sanção da Lei Izidora pelo governo estadual autorizou a permuta dos terrenos com a empresa Granja Werneck S.A, repassando-os à prefeitura para fins de regularização fundiária. Com isso, cerca de oito mil famílias foram beneficiadas (Mansur, 2023). A nova etapa da luta concentra-se na urbanização da área e na garantia de direitos básicos para seus moradores.

Segundo relatório da Câmara Municipal de Belo Horizonte (2020), havia, em 2016, cerca de 2.500 moradias na Ocupação Vitória. Embora não haja dados oficiais sobre o número de crianças residentes, é possível estimar aproximadamente 3.925, considerando o número de famílias e a taxa média de fecundidade no país.

As crianças que vivem nas/as ocupações urbanas



Atravessadas por histórias de lutas e conquistas, por momentos felizes e difíceis, e pela necessidade constante de criarem formas de sobrevivência, as crianças vão construindo laços de cuidados, de afeto, de solidariedade, bem como atos de teor político, conforme aponta Gobbi (2022).

Nascimento (2019) explica que a infância dentro de uma ocupação urbana é permeada por situações adversas e de problemas originários da pobreza e exclusão social. Entretanto, a autora refere que as crianças são ativas no processo de romperem com as condições desfavoráveis em que vivem, ratificando seu papel como agentes sociais dentro do contexto de luta do movimento. Isso pode ser observado através da presença marcante do brincar, como é retratado no próprio curta-metragem analisado, bem como através da construção de laços afetivos promovido pelo compartilhamento do cotidiano entre as famílias (Mineiro, 2021).

De maneira geral, as crianças que vivem nas ocupações urbanas possuem um cotidiano bem específico em relação ao seu envolvimento, direto e indireto, com causas e lutas sociais. Dentro de um modelo de habitação comunitária que carrega inúmeras dores junto a diversas conquistas, as crianças tecem suas infâncias ao mesmo passo que as ocupações vão tecendo sua história.

O encontro entre cinema e luta por moradia

Desde 2015, o (MLB) tem articulado arte e militância por meio do audiovisual, com produções realizadas em conjunto com as ocupações urbanas e suas comissões. As obras retratam a vida nas periferias e a luta pelo direito à cidade, fortalecendo o uso do cinema como ferramenta de reflexão e ação política. Para a Comissão Nacional de Comunicação do MLB, esses filmes ajudam o movimento a “pensar sobre a realidade, atuar sobre o presente e projetar o futuro” (A Verdade, 2020a, n.p.).

Além de documentários produzidos pelo próprio movimento, o MLB participa de produções em parceria com coletivos audiovisuais como Cinecipó e Lado Beco, como é o caso do filme analisado neste trabalho. Em 2020, lançou a Lona – Mostra Cinemas e Territórios, plataforma que reúne produções ligadas à luta por moradia, com oficinas e trilhas formativas



(A Verdade, 2020b, n.p.). Essa inserção conecta o movimento ao cinema brasileiro insurgente, que, segundo Barbosa et al. (2022), desafia hegemonias e convoca novas vozes identitárias. Bemfica e Flores (2022) o definem como um cinema “vivo, diverso, pulsante”, que expressa o sopro das lutas do presente.

O curta analisado, ainda que não tenha como foco central a denúncia da vulnerabilidade, revela as condições precárias de moradia vividas pelas crianças protagonistas. Monteiro (2012) nos lembra que vulnerabilidade social abrange não apenas a carência material, mas também aspectos afetivos, de saúde, segurança e vínculos sociais. Assim, os filmes se inserem num campo de representação que provoca reflexões sobre as infâncias em contextos de exclusão e desigualdade.

A relação entre cinema e infâncias vulneráveis remete ao papel do audiovisual como ferramenta pedagógica e formadora de imaginários sociais. Fraga (2018), ao analisar Pixote (1981), mostra como o cinema brasileiro contribuiu historicamente para a construção de estigmas sobre a infância pobre, frequentemente associada ao perigo, crime e ao abandono. Em contraste, o chamado cinema insurgente ou de denúncia social rompe com representações idealizadas da infância, revelando a complexidade das infâncias em situações adversas (Brida, 2022). Assim, as imagens e narrativas do filme em questão ajudam a compor discursos sobre infâncias periféricas, abrindo espaço para novas formas de ver e pensar sobre essas crianças (Maltrasi e Lopes, 2017).

OS CAMPOS TEÓRICOS: SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E ESTUDOS CULTURAIS

A sociologia da infância constitui um dos campos teóricos desta pesquisa por compreender as crianças como sujeitos sociais ativos, capazes de produzir cultura e participar dos contextos em que vivem. Assim, contribui para compreender as infâncias retratadas nos curtas-metragens não apenas como reflexos de condições sociais, mas como agentes sociais e produtoras de cultura.

Contudo, nem sempre as crianças foram vistas desta maneira. Philippe Ariès foi um dos primeiros a argumentar que o sentimento da infância, tal como entendemos hoje, não existia
Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 35, n. 1, p. 1-25, e-rte351202609, 2026.



antes da Modernidade. Não significa que as crianças eram negligenciadas ou desamparadas, como cita o pesquisador, mas que não havia uma divisão evidente entre crianças e adultos (Ariès, 1986). Mesmo que seus estudos tenham desencadeado diversas críticas (Heywood, 2004; Corsaro, 2011), Ariès abriu caminho para a consolidação do debate sobre as infâncias como construções sociais e culturais.

Ao longo desse percurso teórico, ganha relevância o reconhecimento da pluralidade de infâncias. Sarmento (2011) destaca a infância como uma categoria social geracional, distinta do conceito de criança, e atravessada por fatores como classe, etnia, gênero, cultura e território. Não se trata, portanto, de uma infância única e universal, mas de infâncias múltiplas, que expressam modos distintos de ser e estar no mundo (Qvortrup, 2011; Corsaro, 2011).

No Brasil, o olhar historiográfico sobre as infâncias, ganhou maior visibilidade a partir da década de 1990 com a obra *História da Criança no Brasil*, de Mary Del Priore (1991), defendendo a importância de abordagens situadas e críticas à realidade do país. As pesquisas apontam que a chegada dos colonizadores portugueses, a escravidão, a industrialização e as políticas públicas ineficazes deixaram marcas profundas na experiência das infâncias brasileiras, evidenciando o quanto a história do país influenciou e influencia até hoje o contexto das crianças empobrecidas, tais quais as que vivenciam a luta por moradia digna. Fato, esse, ratificado por Corsaro (2011), ao citar pesquisas realizadas no país que demonstram o quanto crianças empobrecidas são vistas e tratadas de maneira violenta (não só, mas também fisicamente) pela sociedade e por instituições que deveriam zelar por elas.

O campo teórico também é composto pelo Estudos Culturais, à medida que se propõe a investigar representações, um dos seus conceitos centrais, bem como ao fato do filme analisado se constituir como uma pedagogia cultural.

Conceituar os Estudos Culturais não é um trabalho simples, visto que a perspectiva do campo se propõe a ser polimórfica e posiciona-se como transgressiva frente a conceitos absolutos. Na tentativa de trazer uma definição, Grossberg (2009) explica que os Estudos Culturais descrevem como a vida cotidiana dos indivíduos articulam-se pela e com a cultura, investigando como as estruturas e outras forças em particular que organizam a vida cotidiana das pessoas fortalecem ou enfraquecem os indivíduos. Para isso, estudam as relações de poder



e como elas são estruturadas pelas práticas discursivas que as constituem, bem como exploram as possibilidades históricas de transformação das realidades vividas pelos sujeitos. Mas, não só isso. Os Estudos Culturais analisam como as práticas culturais são produzidas, como estão inseridas e como operam na vida cotidiana dos indivíduos e nas formações sociais, buscando reproduzir, confrontar e até transformar as estruturas de poder existentes, complementa Grossberg (2009).

As pedagogias culturais são compreendidas como espaços, artefatos e práticas que produzem sentidos e aprendizagens, mesmo fora dos contextos escolares formais, afinal, elementos como filmes, mídias, museus, anúncios e livros são atravessados por intencionalidades pedagógicas, atuando na formação de sujeitos (Ellsworth, 2005). Nesse sentido, os curtas-metragens disponíveis no YouTube, tal como o que analisamos neste artigo, são entendidos como práticas culturais com força pedagógica, capazes de construir e disseminar significados sobre a infância.

O conceito de representação é central para essa análise, pois evidencia que tais artefatos não apenas retratam, mas produzem sentidos sobre a realidade, moldando modos de ser e agir (Wortmann, Costa e Silveira, 2015).

Costa, Silveira e Sommer (2003) explicam:

Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas (p.38).

Assim, inspiradas em Hall (2016), buscamos investigar representações de infâncias presentes no curta-metragem, interrogando as imagens e os sentidos que produzem. Busca-se, com isso, compreender quais imagens de infância são reproduzidas e propagadas por esse artefato, colocando luz na cultura infantil existente dentro das ocupações urbanas, indagando através e para o curta-metragem que infâncias estão sendo representadas na tela.

ASPECTOS METODOLÓGICOS



O curta-metragem analisado está disponível no site do Youtube, que é a segunda mídia social mais ativa do mundo, com mais de 2,5 bilhões de usuários (Kemp, 2023). Configura-se como uma plataforma de compartilhamento de vídeos, conectando criadores de conteúdos com possíveis consumidores. O compartilhamento desses vídeos acontece no ambiente virtual, chamado de ciberespaço, o que permite que os conteúdos cheguem aos mais variados locais do planeta e perfis de pessoas.

Devido à ampla abrangência do Youtube e a uma série de usos, incluindo monetização, há uma gama de criadores de conteúdos com distintos objetivos, sendo o MLB um deles. O canal do Youtube do Movimento acaba sendo mais uma forma de divulgação da atuação dele, onde através de variados vídeos, o MLB tem a possibilidade de promover a sua causa.

O canal do MLB possui 4.460 mil inscritos e 78 vídeos publicados². Criado em 23 de outubro de 2015, até o momento desta consulta o canal indicava um total de 234.024 visualizações de seu conteúdo. Entre todos os vídeos publicados, é possível identificar documentários, debates, trechos de entrevistas, curtas-metragens ficcionais e registros em vídeos de vários momentos (passeatas, ações de despejo, falas de lideranças, teasers de ações e eventos etc.). Entre esses materiais, curtas-metragens protagonizados por crianças residentes das ocupações, produzidos com parceiros da área audiovisual.

Após entrar em contato com essas produções e identificarmos a potencialidade delas em relação à temática das representações de infâncias dentro das ocupações urbanas, definimos os critérios para escolha dos vídeos que comporiam o corpus de uma pesquisa maior, da qual decorre este artigo. São eles: estar disponível no canal do MLB no Youtube; ter sido gravado dentro de ocupações urbanas do MLB; ter as crianças como protagonistas e ser ficcional.

A partir destes critérios, foram selecionados seis curtas-metragens que se enquadravam dentro das definições de seleção. Contudo, como citado anteriormente, este artigo se debruça em um desses filmes, sendo ele o curta intitulado “Você faria isso por um papagaio - Papagaio verde” (2017), detalhado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Curta-metragem selecionado.

Nome do curta-metragem	Você faria isso por um papagaio - Papagaio Verde
------------------------	--



Duração	8'37"
Ano de produção	2017
Ocupação em que foi filmado	Vitória (Izidora)
Visualizações (acessos)	395 (canal do MLB) e 110.509 (canal da Lado Beco)
Total de visualizações independente do canal	110.904
Equipe técnica	Direção: Anderson Lima Produção: Edinho Vieira
Contexto em que foi produzido	Realização: CineCipó–VII Festival de Cinema Insurgente na Ocupação Vitória. Oficina Pintando o Set. Coordenação do Festival: Cardes Cardês e Daniela Pimentel
Sinopse	Papagaio Verde retrata um concurso de papagaios entre as crianças da ocupação. Durante a competição, dois amigos vão em busca de uma pipa que caiu no pátio de uma casa da comunidade. Conversando com a dona desta casa, Melissa descobre que lá havia uma ave papagaio e, assim, resolve abandonar o torneio para conhecer o pássaro. A partir dessa situação, a menina reflete sobre liberdade, sob a ótica do seu olhar enquanto criança.
Elenco	Não informado
Link de acesso	https://youtu.be/_k8lg1_hqvw?si=S0aXfHFE-DSUz1Dn

Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

Nota: Ao todo, considerando todos os seis curtas-metragens selecionados para a pesquisa mais ampla, há mais de sete milhões de visualizações no Youtube dessas obras, fazendo com que possamos deduzir, por ora, que a maneira como a infância é representada pelas obras dentro das ocupações é passível de atingir um número considerado de sujeitos.

Sobre a etnografia de tela

Podemos dizer que esta metodologia nasceu do encontro do cinema com a antropologia e a sociologia, oriunda do termo “estudos de tela” que, desde os anos 1980, se referiam ao estudo dos artefatos da mídia nos moldes da etnografia (Balestrin, 2011). Os estudos etnográficos tradicionais buscam compreender os padrões culturais e a vida cotidiana dos sujeitos que integram o grupo que está sendo estudado, se consolidando como uma lógica de



investigação (Green, Dixon e Zaharlick, 2005). Para isso, o/a pesquisador/a faz uma imersão no campo de pesquisa, estreitando a interação entre quem faz a pesquisa e os seus objetos de estudo (Laplane, Lacerda e Kassari, 2006). A etnografia de tela segue a mesma lógica, contudo, o campo a ser estudado é virtual.

Em termos práticos, a etnografia de tela advém do uso dos procedimentos da pesquisa antropológica transpostos para a análise de mídias (Rial, 2005). Entre eles, a autora destaca a longa imersão do sujeito pesquisador no campo e a observação sistemática e os registros de campo. Além disso, Rial (2005) explica que a etnografia de tela também considera a linguagem cinematográfica e suas significações em seus procedimentos, como a análise de planos, movimentos e ângulos de câmera e opções de montagem. Assim, ao invés de estar em um espaço físico, o sujeito pesquisador adentra e imerge no espaço midiático, realizando o percurso etnográfico tal qual a etnografia tradicional, com as devidas adequações que o campo solicita.

Mesmo sendo um campo midiático julgamos importante salientar os cuidados éticos que são intrínsecos a todas as pesquisas, especialmente àquelas que envolvem crianças. Embora não se trate de uma pesquisa com crianças e, sim, sobre elas, as imagens que serão analisadas no corpus deste trabalho expõem, de certa maneira, os corpos, rostos e contextos das crianças atrizes, visto que elas estão inseridas em suas próprias culturas e locais de moradia. Por isso, ratificamos que o zelo pelo uso ético, em seu sentido mais amplo, das imagens ao longo de toda a pesquisa. Ainda sobre as questões éticas, por se tratar de um filme público, disponível no Youtube para o grande público, não haverá a necessidade de desfocar ou borrar os rostos das crianças no intuito de preservar suas identidades.

ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO E DISCUSSÃO

O filme, como já exposto no Quadro 1, tem como pano de fundo um campeonato de papagaios (pipas) que acontece dentro da ocupação. O movimento de câmera que predomina no filme é o de "câmera na mão", gerando imagens instáveis que transmitem ao espectador sensações de urgência e realismo (Carreiro, 2021). A essas sensações somam-se a espontaneidade e uma certa simplicidade, não no sentido de uma vida simples, mas de uma vida

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 35, n. 1, p. 1-25, e-rte351202609, 2026.



com poucos recursos, o que é coerente com o contexto do filme: o cotidiano da ocupação onde as crianças residem.

Figura 2 – As corridas como lampejos.



Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

Na cena acima, uma criança corre em direção a Carol, enquanto outras passam ao fundo, em sentido contrário, também correndo. Esse tipo de movimento — corridas e deslocamentos rápidos — se repete ao longo do curta, conferindo às cenas uma sensação de pressa que reforça a urgência já sugerida pela técnica da “câmera na mão”. Através desses deslocamentos, começa a se delinear uma das representações de infância presentes no filme: a infância do agora. Mello (2022), ao refletir sobre as crianças nas ocupações do MLB, observa que “é comum as vermos passar diante das lentes, como lampejos, sopros de vida” (p. 96). É essa representação de infância que guiará nossa análise. O filme ora analisado é tomado como um artefato produtivo que aciona práticas de representação as quais produzem significados e inventam sentidos que reverberam social e culturalmente (Costa, Silveira e Sommer, 2003).

No filme, a urgência não se expressa apenas nos corpos que se deslocam com pressa, mas também na necessidade de aproveitar cada oportunidade. Em uma das cenas, por exemplo, Melissa convida uma outra menina a ir ao campeonato, e o aceite vem de imediato, sem hesitação. Como em outros momentos do filme, há uma valorização do agora, uma abertura das crianças às oportunidades do presente, que nos remete ao tempo de Kairós. Na mitologia grega, Kairós representa o tempo oportuno, o instante, a chance efêmera, como apontam Araújo, Costa e Frota (2021). Trata-se de uma ruptura no tempo linear (Chronos), um momento inesperado que convida à espontaneidade e ao encontro com o extraordinário. Essa percepção também aparece na etnografia de Santos (2017), realizada em uma ocupação urbana, ao observar que as



crianças, à sua maneira, aproveitam tudo o que lhes é ofertado, reafirmando a centralidade do tempo presente em suas experiências.

Figura 3 – O estilo das moradias da ocupação.

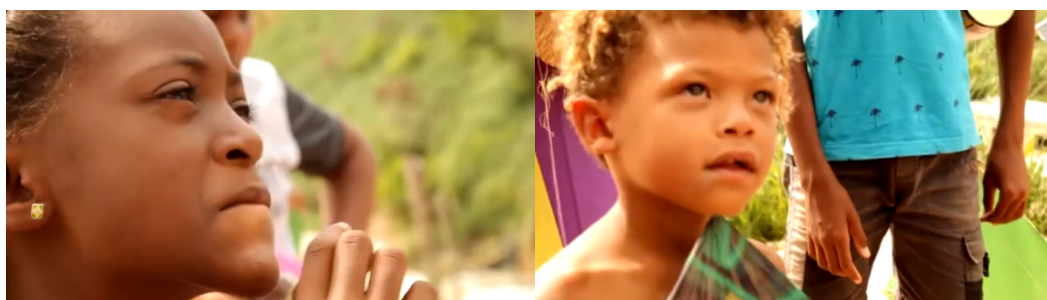


Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

As condições e os estilos das casas retratadas no filme reforçam a prioridade do tempo presente, onde o agora se constitui como horizonte de ação para as famílias da ocupação. A atenção diária em constituir uma moradia digna e garantir o mínimo necessário para viver é uma urgência constante para quem habita esse território. Na tese de Nascimento (2019), essa dimensão se revela nos relatos de mulheres que compartilham as dificuldades de prover o básico para seus filhos e filhas, como a mãe que afirma ser capaz de passar fome para garantir a alimentação das crianças. Em outro momento da mesma pesquisa, a autora descreve uma vivência na ocupação que permite perceber essa urgência que permeia o cotidiano:

Naqueles poucos minutos, [...] uma das líderes me pede ajuda, agitada pediu para eu fazer uma ligação para a outra coordenadora que não estava no local, e disse para usar o código: “Vida e morte”, frase utilizada pelo movimento em momentos críticos, e passar o número telefônico de um policial conhecido, para este intervir enviando força policial para a ocupação. Depois do pedido, me despedi dos moradores e fiz o solicitado” (Nascimento, 2019, p.59).

Figura 4 – Olhares atentos.





Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

Na cena em que um adulto explica as regras do campeonato, na figura anterior, os corpos e rostos das crianças expressam concentração, alinhando-se à ideia da infância do agora ao demonstrar foco absoluto no instante presente. O campeonato de papagaio torna-se, assim, uma metáfora da realidade vivida por essas crianças nas ocupações: não há tempo a perder. A regra dos três minutos para retornar ao jogo, dita pelo adulto, evidencia a fragilidade do tempo disponível, afinal, quando o que está em jogo é a própria infância, não há tempo a perder. Enquanto categoria geracional, a infância é perene, mas enquanto fase da vida de cada indivíduo, a infância é um período temporário (Corsaro, 2011), ainda mais estreito para àquelas que precisam “adultecer” precocemente devido às circunstâncias da vida. É a representação da infância do agora, onde entregar-se ao instante presente aumenta as chances de permanecer no jogo. Como destacamos na seção acerca do referencial teórico, a representação é compreendida como um sistema que estrutura e dá forma às coisas em uma determinada sociedade (Hall, 2016). Ela atua através de diferentes linguagens e é fundamental na construção da realidade social. No caso das crianças e da infância, por exemplo, as representações contribuem para definir o que se compreende por “ser criança” e o que caracteriza a “infância”, dentro de um determinado contexto social.

Figura 5– O deleite do momento.



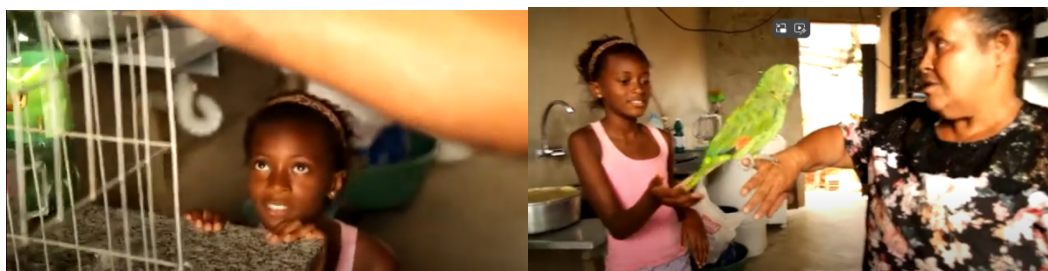
Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

Destacam-se, também, os olhares atentos das crianças voltados às suas pipas durante o campeonato, como na figura anterior, revelando uma entrega plena ao momento. Para além da concentração, é possível perceber o prazer que sentem: mais do que competir, as crianças parecem brincar, deixando-se envolver pelo instante. Inclusive, algumas das crianças não



parecem se preocupar com o resultado da disputa. O deleite do momento reforça a representação da infância do agora, alinhando-se à observação de Nascimento (2019), que destaca a presença de muito desejo e muita vida nas crianças da ocupação onde realizou sua pesquisa, mesmo em meio a tantas restrições.

Figura 6 – A surpresa de Melissa.



Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

É na última etapa do filme que Melissa discute sobre o papagaio com a Dona Creusa, incomodada com o fato dele viver em uma gaiola. Após um debate, a moradora abre a gaiola para provar que a ave não está presa, surpreendendo Melissa ao perceber que, mesmo com a porta aberta, o papagaio não voa. A figura do pássaro se insere na narrativa como uma alegoria da liberdade, representando que mesmo uma condição intrínseca à vida (como a capacidade de voar de uma ave) pode ser cerceada por fatores externos. Na representação da infância do agora, o que significa a perda da liberdade infligida por terceiros? Não seria a liberdade uma busca natural dos indivíduos, aqui representados pelo papagaio, e, portanto, uma forma de viver o momento presente com autonomia e possibilidades de escolha? Melissa parece refletir sobre a condição do papagaio como um espelho de sua própria realidade e da cultura na qual está inserida.

O clímax do curta se dá no diálogo final entre Melissa e Dona Creusa, que tenta convencer a menina de que o papagaio é livre, assim como elas. Contudo, Melissa discorda, respondendo “É, mas ele tem asa. Eu acho que ele devia tá no céu”. A menina ainda conclui que não se pode desejar aquilo que nunca se experimentou, refletindo que o papagaio “é criado desde pequenininho com gente, lógico que não vai aprender a voar”. O close em seu olhar ao final da cena revela a profundidade de suas reflexões, conforme se observa na figura a seguir.



Figura 7– A reflexão de Melissa.



[Melissa, narrando seus próprios pensamentos]
“Que que adianta deixar a gaiola aberta, se ele
nunca viveu na natureza? Como que vai voar? “

Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

A surpresa de Melissa com o papagaio que não voa, mesmo com a gaiola aberta, assim como todo o debate com a Dona Creusa, ilustra não apenas reflexões sobre liberdade, mas também a capacidade das crianças de simbolizarem o real a partir de suas próprias vivências (Sarmiento, 2005). Como propõe o autor, as culturas das infâncias se constituem nos modos singulares com que as crianças interpretam o mundo e produzem sentidos a partir das suas experiências, revelando dimensões da cultura social à qual pertencem. A inquietação de Melissa diante da ave, bem como a leitura crítica da situação, representa muito bem essa produção cultural infantil: uma forma de enxergar e questionar o mundo com base em sua posição social e geracional. Nesse sentido, a infância do agora não é apenas a vivência do instante presente, mas a presença ativa e reflexiva da criança no mundo, capaz de ressignificar sua realidade e expressar, mesmo que metaforicamente, as limitações e as potencialidades da vida nas ocupações.

Figura 8 – Cena final.



Fonte: elaborado pelas autoras através de capturas do filme, 2025.

Na última cena, representada acima, não se sabe se Melissa está retornando ao campeonato em sua caminhada. A pipa já não é mais seu foco. Melissa caminha vagarosamente, em oposição aos movimentos rápidos evidenciados nas duas primeiras partes do filme.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 35, n. 1, p. 1-25, e-rte351202609, 2026.



A câmera posiciona-se de uma maneira que a inclinação da rua fica em evidência. Melissa sobe em direção ao topo da rua, ao mesmo tempo em que reflete sobre voar. Ela não desce, ela esforça-se em subir, em uma analogia com a energia e o esforço que se faz necessário para lutar por essa liberdade e valorização social. O contraste com as demais cenas é nítido: o espaço está vazio, o ritmo é desacelerado, e os únicos sons são a voz pausada da menina e uma música instrumental suave. O ambiente se transforma, não há mais pressa, mas persiste a presença da infância do agora revelada nos devaneios de Melissa sobre liberdade. “Se tivesse asa, eu nunca ia ficar sem voar”, reflete a menina, entregando ao espectador sua urgência em aproveitar a vida ou, em outra instância, em lutar pelas suas condições de vida.

Ao final do filme, ao aparecerem os créditos finais, o elenco não é informado. Esse fato não se relaciona diretamente com a representação de infância investigada, mas pode ser analisada sob a ótica dos campos teóricos. Mesmo que não saibamos se foi um “mero” esquecimento ou se há algum outro motivo, o que observamos que essa situação se repete alguns dos outros curtas-metragens semelhantes.

De acordo com Tambara (2020), o cinema olha a criança, procurando trabalhar com o seu olhar real ou até com jogo de câmera para compartilhar conosco a perspectiva infantil e suas emoções. Contudo, por mais que essas imagens expressem o olhar infantil, elas também são construções, fruto da mediação do olhar do diretor, da equipe de fotografia e dos próprios espectadores, que interpretam e estabelecem suas próprias imagens no processo de construção de sentido (Tambara, 2020). Assim, a ausência do elenco pode ser interpretada como uma forma de valorizar a infância representada no filme como uma experiência compartilhada. Nesta lógica, a cultura infantil das crianças que vivem nas ocupações urbanas representada no filme seria transmitida a partir da performance coletiva e não individual.

Entretanto, a ausência da informação sobre o elenco infantil nos créditos finais do filme abre espaço para outras interpretações. Por um lado, essa omissão pode ser lida como um tensionamento dos modos como reconhecemos (ou deixamos de reconhecer) a presença e a agência das crianças nas narrativas sociais e culturais, desafiando os espectadores a refletirem sobre os lugares simbólicos que são historicamente atribuídos à infância. Por outro, essa escolha pode ser interpretada como um indicativo de que a própria produção não reconhece plenamente



o protagonismo das crianças na obra ao desconsiderar suas identidades individuais e, com isso, enfraquecendo a valorização de suas vozes enquanto sujeitos de direito e expressão.

Considerando os estudos do campo de pesquisa, principalmente a respeito do MLB, essa última hipótese parece não ser a mais provável, visto que as obras filmicas produzidas pelo movimento se inserem como cinema de denúncia visual. Essas produções procuram, justamente, dar visibilidade à luta por moradia digna e a quem vivencia a marginalização social, como é o caso das crianças que vivem nas ocupações.

Independentemente do que a ausência do elenco signifique, ratifica o quanto os filmes são pedagogias culturais, pois possuem força pedagógica capaz de gerar reflexões e aprendizagem (Andrade, 2016). Logo, exercem a capacidade de criar padrões e modelos e de implicar produções de modos de ser e agir, constituindo assim, indivíduos conforme seus preceitos (Wortmann, Costa e Silveira, 2015). Mais do que isso, ao serem tomados como pedagogias culturais, os filmes exercem uma função educativa, produzindo efeitos na constituição dos sujeitos, participando na formação de modos de ser, pensar e agir, colaborando para a construção de identidades (Camozzato, 2014).

AMARRAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar as representações de infâncias nas ocupações urbanas a partir da análise de um curta-metragem produzido e protagonizado por crianças do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), utilizando a etnografia de tela como metodologia. Essa investigação se insere em uma pesquisa mais ampla sobre os curtas-metragens protagonizados por crianças no contexto das ocupações urbanas do MLB, tomando como ponto de partida a questão: quais representações de infâncias são reverberadas a partir dos curtas-metragens?

A análise do filme permitiu vislumbrar múltiplos sentidos sobre o que é ser criança em contextos de ocupação urbana, revelando nuances que desafiam interpretações estigmatizadas baseadas unicamente na carência. Ao contrário, as infâncias ali representadas se mostram marcadas por desejo, imaginação, reflexão e luta. A infância do agora se manifesta como uma



possível representação, como um tempo de urgência por vida, de entrega ao momento, de aproveitamento dos recursos e das oportunidades efêmeras que surgem a cada instante.

Sob a ótica da Sociologia da Infância, compreendemos que as crianças não apenas vivem a cultura, mas são produtoras ativas dela. Como aponta Sarmento (2005), as culturas infantis são expressões das culturas sociais das quais as crianças fazem parte, sendo constituídas por modos próprios de interpretar e dar sentido ao mundo. Neste sentido, o filme analisado não é apenas um produto cultural feito por crianças; é um espaço de construção de sentidos e de manifestação simbólica das suas vivências, anseios e inquietações. Melissa, ao entrar em conflito sobre a liberdade do papagaio, expressa de forma potente sua própria percepção sobre o mundo em que vive, demonstrando uma infância que reflete, questiona e age.

A partir dos Estudos Culturais, especialmente no diálogo com o conceito de representações e das pedagogias culturais, é possível compreender o filme como uma prática educativa em si, onde os elementos do filme operam como artefatos pedagógicos que ensinam sobre as condições de vida das crianças e, também, sobre suas formas de resistir, imaginar e narrar o mundo. Como destaca Hall (2016), as representações culturais não apenas refletem a realidade, mas a constituem e, nesse processo, moldam identidades, produzem significados e disputam sentidos. A representação da infância do agora revela uma infância empobrecida que não se limita à lente do déficit, mas que também evidencia potências, desafiando as metanarrativas sobre infâncias em vulnerabilidade social e afirmando outras formas de existência e resistência.

A cena final do filme, quando Melissa reflete “eu só sei que se eu fosse pipa, papagaio ou tivesse asa, eu nunca ia ficar sem voar”, sintetiza de forma sensível e profunda a representação da infância do agora. Ao mesmo passo que é uma infância marcada por restrições e urgências relacionadas à vulnerabilidade social, também é repleta de desejo, diversão e potencialidades. Este estudo, portanto, reafirma a importância de reconhecer as crianças como sujeitos sociais, históricos e culturais, cujas experiências, mesmo em contextos de vulnerabilidade, são atravessadas por saberes, possibilidades e capacidades. É fundamental que novas pesquisas se dediquem a essa temática, para que as infâncias historicamente marginalizadas nos territórios urbanos, como as que vivem nas ocupações urbanas, deixem de



ser invisíveis e possam ocupar com dignidade não apenas seus espaços de moradia, mas também o espaço social que lhes é de direito.

¹A pesquisa a qual referimos faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento.

²Dados coletados no canal do MLB no dia 19 ago 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/V%C3%ADdeosMLB>

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARAÚJO, Juliana Diniz de Albuquerque Bezerra; COSTA, Raquel Ribeiro de Andrade; FROTA, Ana Maria Muniz Carneiro. De Chrónos à Aión – onde habitam os tempos da infância? *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 17, e56866, 2021.

A VERDADE. MLB: 25 anos de luta pela reforma urbana e o socialismo. 26 mar. 2024. Disponível em: <https://averdade.org.br/2024/03/mlb-25-anos-de-luta-pela-reforma-urbana-e-o-socialismo/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

A VERDADE. Se tem algo que o documentário mostra é que quem luta, conquista. 02 maio 2020a. Disponível em: <https://averdade.org.br/2020/05/se-tem-algo-que-o-documentario-mostra-e-que-quem-luta-conquista/>. Acesso em: 03 maio 2024.

ALVES, Patrícia. *Infância, tempo e atividades cotidianas de crianças em situação de rua: as contribuições da teoria dos sistemas ecológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ANDRADE, Priscila Dias de. *Pedagogias culturais – uma cartografia das (re)invenções do conceito*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BALESTRIN, Paula Andreia. *O corpo rifado*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, Ana Suely; NASCIMENTO, Ana Paula; NEVES, Leonardo; DAMÁZIO, Mariana; ZANOTTO, Natalia. Margens, escuridão e táticas de contraluz: movimentos de insurgências em Voltei! Era uma vez Brasília. *Revista Crítica Cultural*, Palhoça, v. 17, n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2022.



BASTOS, Cláudia Dayse; MARTINS, Gláucia Helena; PEREIRA, Luciana; SANTOS, Renato Emerson dos. Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 19, n. 2, p. 251–266, 2017.

BEMFICA, Aline; FLORES, Larissa. Poéticas da luta e políticas de articulação. *Poéticas da Experiência*, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.poeticasdaexperiencia.org/2022/04/poeticas-da-luta-e-politicas-de-articulacao/>. Acesso em: 03 maio 2024.

BRIDA, Felipe Boso. *Representações da infância empobrecida no cinema de Sandra Kogut: uma análise fílmica de Mutum e Campo Grande*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, [s. l.], 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Relatório final do Grupo de Trabalho da Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor sobre Direito à Moradia. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicação/notícias/2020/08/relatório-aponta-deficiências-e-novos-caminhos-para-política>. Acesso em: 02 mai. 2024.

CAMARGO, Carlos. Ocupação Izidora, um caso emblemático de resistência em Belo Horizonte. *Fundo Brasil*, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/ocupacao-izidora-um-caso-de-resistencia-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. *Educação e Realidade*, v. 39, n. 2, p. 573-593, 2014.

CARREIRO, Rogério Aparecido. *A linguagem do cinema [recurso eletrônico]: uma introdução*. Recife: Ed. UFPE, 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/519/531/1592>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CORSARO, William Anthony. *Sociologia da Infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosane Helena; SOMMER, Lúcia Helena. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 5-18, maio/ago. 2003.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991. 176 p.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Places of learning: media, architecture and pedagogy*. New York: Routledge, 2005.

FRAGA, Cayron Henrique Aparecido. *Cinema e educação: discursos sobre infância e juventude pobre brasileira no filme Pixote, a lei do mais fraco (1981)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, [s. l.], 2018.



GOBBI, Maria Angélica. *Desenhar e ocupar: crianças na Mauá, Ipiranga e Prestes Maia* [recurso eletrônico]. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, 2022. 119 p.

GOBBI, Maria Angélica. Ocupações e infância: crianças, luta por moradia e culturas infantis na cidade de São Paulo (Occupations and childhood: children, struggle for housing and children's cultures in the city of São Paulo). *Crítica Educativa*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9-24, 2017. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/93>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy et al. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 42, p. 13-79, dez. 2005.

GROSSBERG, Lawrence. El corazón de los estudios culturales: contextualidad, construccionismo y complejidad. *Tabula Rasa*, n. 10, p. 13-48, jan./jun. 2009.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KEMP, Simon. Usuários, estatísticas, dados e tendências do YouTube. *Data Reportal*, 11 maio 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LAPLANE, Adriana de Lima Fróes; LACERDA, Carla Bentes Figueira de; KASSAR, Mônica Cristina Muniz. Abordagem qualitativa de pesquisa em educação especial: contribuições da etnografia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2006.

LELIS, Nathália. *Arquiteturas políticas da terra: sobre (re)produção e rupturas na ordem do espaço urbano*. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LELIS, Nathália. Ocupações urbanas: a poética territorial da política. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (Online)*, Recife, v. 18, n. 3, p. 428-444, set./dez. 2016.

MALATRASI, Larissa Galdino; LOPES, Fernando Murillo Engelmann. *Cinema de denúncia social: olhar envolvido/olhar afastado*. Relatório (Iniciação Científica) – Centro Universitário de Brasília, UniCeub, 2017.

MANSUR, Raquel. Luta por moradia: lei promove avanço na regularização das ocupações Izidora; cerca de 8 mil famílias vivem no local. *G1 Minas*, 22 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/09/22/luta-por-moradia-lei-promove->



[avanco-na-regularizacao-das-ocupacoes-izidora-cerca-de-8-mil-familias-vivem-no-local.ghtml](#). Acesso em: 01 mai. 2024.

MELLO, Rafael de Amorim Albuquerque e. *Cinema que inventa o território: ocupações urbanas através de auto encenações da juventude*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.], 2022.

MINEIRO, Aiano Mineiro. *Fazer imagem, fazer cidade: uma aproximação cartográfica da luta do MLB em Belo Horizonte junto, com e através das imagens*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.], 2021.

MLB BRASIL. MLB, essa luta é praver!, 2024. Disponível em: <https://www.mlbrasil.org/quem-somos>. Acesso em: 09 jan. 2024.

MONTEIRO, Sônia Regina Rodrigues Pinto. O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em Debate*, v. 17, n. 2, p. 29-40, 2012. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/695>. Acesso em: 26 nov. 2024.

NASCIMENTO, Bianca Dias Pereira de Souza. *Infância em ocupação urbana: reflexões sobre resiliência*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

QVORTRUP, Jens Arnborg. A. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". *Diverso e Prosa • Pro-Posições*, v. 22, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/dLsbP94Nh7DJgfdbxKxkYCs/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

RAMALHO, Bianca; CARVALHO, Lilia Diniz de; BIZZOTTO, Lilian Maria. Mulheres em luta e a educação de crianças pequenas em uma ocupação urbana: perspectivas anticoloniais. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 23, p. 1-12, jan./dez. 2023, Porto Alegre.

RIAL, Carmen Silvia Rial. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam Pilar et al. (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

SANTOS, Eline Limeira dos. *Ocupação Santa Maria: conflitos, infâncias e brincadeiras*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, [s. l.], 2017.

SANTOS, Rodrigo de Almeida. Violências do Estado na produção de territórios, informalidade e redes de proteção. *Cadernos Metrópole*, v. 26, p. 283-308, São Paulo, 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Antônio Joaquim; PRADO, Patrícia Duran (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas: Autores Associados, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.



Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 06 mar. 2025.

TAMBARA, Mariana. *Infância, cinema e educação: um estudo hermenêutico sobre a criança nos filmes A língua das mariposas, Mutum, Pelle e Tomboy*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, [s. l.], 2020.

WORTMANN, Maria Luiza; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Helena. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. *Educação* (PUCRS), Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Mestranda em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) –
<https://orcid.org/0009-0005-8581-9174> - naticaliari@gmail.com

[**] Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) –
<https://orcid.org/0000-0003-1080-2210> – bianca.guizzo@gmail.com

[***] Mestranda em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) –
<https://orcid.org/0009-0003-5230-4823> - mayaraldsrocha@gmail.com

Submetido em: 03 de Julho de 2025.

Aprovado em: 14 de Outubro de 2025.

Publicado em: Fevereiro de 2026.